Reflexões entre Lorde e hooks: a quebra dos silêncios marginalizados e a teorização a partir da dor

Caroline Sposito
Mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, Brasil
carolsposito@usp.br

Resumo

Este artigo traz uma reflexão sobre o silêncio, a fala, o medo, a revolta, o sentimento, a teoria. Quando falamos, temos medo de sermos ouvidas e das violências que isso pode acarretar. Diante do medo, nossa reação (ou falta dela) é justamente nos mantermos quietas. Entretanto, como explica Lorde, mesmo caladas, o medo persiste. Assim, é melhor que falemos, pois é nossa única forma de emancipação da opressão que vivemos. Essa opressão se apoia em uma suposta episteme universal que desvaloriza nosso saber e mantém uma hierarquia de poder. Isso cria uma falsa dicotomia entre teoria e prática, e as próprias marginalizadas passam a recusar a teoria. Assim, conforme hooks, ocorre uma dupla imposição de silêncio. É necessário que os silêncios sejam quebrados com uma teoria que englobe as maneiras de saber marginalizadas, como no caso da poesia. Uma investigação de nossas vivências para compreendê-las e, enfim, curá-las.

Palavras-chave: Audre Lorde; bell hooks; feminismo; teoria; sentimentos.

Abstract

This article offers a reflection on silence, speech, fear, revolt, feeling, and theory. When we speak, we fear being heard and the violence that this may entail. Faced with fear, our reaction (or lack thereof) is precisely to remain quiet. However, as Lorde explains, even in silence, fear persists. Therefore, it is better that we speak, for it is our only way of emancipating ourselves from the oppression we experience. This oppression is based on a supposed universal episteme that devalues our knowledge and maintains a hierarchy of power. This creates a false dichotomy between theory and practice, and the marginalized themselves begin to reject theory. Thus, according to hooks, a double imposition of silence occurs. It is necessary that the silences be broken with a theory that encompasses marginalized ways of knowing, as in the case of poetry. An investigation of our experiences to understand them and heal them.

Keywords: Audre Lorde; bell hooks; feminism; theory; feelings.

And when the sun rises we are afraid
it might not remain
when the sun sets we are afraid
it might not rise in the morning
when our stomachs are full we are afraid
of indigestion
when our stomachs are empty we are afraid
we may never eat again
when we are loved we are afraid
love will vanish
when we are alone we are afraid
love will never return
and when we speak we are afraid
our words will not be heard
nor welcomed
but when we are silent
we are still afraid

So it is better to speak
remembering
we were never meant to survive.
Audre Lorde

Introdução

Para além da paralisia ou do mero sofrimento passivo, a dor pode ser terreno fértil de produção epistemológica, poética e política nas obras de Audre Lorde e bell hooks. Parte-se da premissa de que a experiência concreta das autoras, estruturada a partir do feminismo negro e atravessada pelas sobreposições de raça, gênero, classe e sexualidade, carrega uma dimensão de dor existencial e política que a epistemologia

hegemônica eurocêntrica insiste em silenciar ou deslegitimar. O conceito de dor, central ao longo desta reflexão, desdobra-se em duas dimensões interdependentes nas obras analisadas. Em Audre Lorde, a dor manifesta-se tanto no âmbito do silenciamento político e histórico imposto às minorias quanto na sua dimensão somática e ontológica, na qual o confronto físico com a finitude e a enfermidade atua como catalisador para o ato de falar. A dor, para Lorde, exige verbalização antes que a morte silencie definitivamente a potência da vida e da arte. Em bell hooks, por sua vez, a dor surge primordialmente do deslocamento, da negação do pertencimento e das feridas psíquicas causadas pelo sexismo e racismo desde a infância. Trata-se da dor de estar machucada em um mundo hostil que impele a busca desesperada pela teoria como espaço de cura e reconstrução de si.

Nesse contexto, o objetivo geral deste artigo é analisar como Lorde e hooks tensionam as fronteiras do fazer acadêmico tradicional ao converterem a dor e o silenciamento em linguagem, teoria libertadora e práxis de resistência. Assim, de modo específico, objetiva-se, em um primeiro momento, compreender a fala e a criação poética em Audre Lorde como gestos constitutivos de quebra do silêncio e de insurgência contra a morte. Prosseguindo, busca-se examinar o diagnóstico de bell hooks sobre a falsa dicotomia entre teoria e prática, identificando a teorização como um processo de cura e abrigo para os corpos feridos. Por fim, procura-se justificar a aproximação entre ambas a partir do conceito de "irmandade" (*sisterhood*), compreendido como uma aliança ética, afeto-política e decolonial entre mulheres marginalizadas. Portanto, este artigo contrapõe a frieza maquinária da racionalidade dominante ao pulsar da experiência corporificada, demonstrando que, para Lorde e hooks, nomear a dor e partilhá-la entre "irmãs" é a condição primordial para transformar o silêncio em linguagem e o medo em revolta.

I. A quebra do silêncio

Uma consciência tão nítida e próxima da inevitabilidade da morte nos faz questionar sobre a vida por outra perspectiva. Por muito que já se tenha falado sobre,

vivemos como se não soubéssemos e poucos extraíram as conclusões extremas disso. Na vida maquinal, o tempo nos leva. Nossas vidas vão sendo absorvidas pelas atividades cotidianas, envoltas em mantras que nos fazem viver no futuro: “depois”, “quando tal coisa acontecer”, “quando isso for possível”, "que chegue logo tal dia” etc. Até que, então, um fato qualquer (não no sentido de insignificante, mas de indeterminado e imprevisível) pode nos fazer perceber pertencentes ao tempo. Foi o diagnóstico do câncer de mama e o confronto iminente com a mortalidade[1] (e, em consequência, seu silenciamento perpétuo) que despertou Audre Lorde (1934 - 1992) para a urgência da fala. A dor somática da doença intersecciona-se com a dor política do silenciamento histórico, revelando que o silêncio jamais serviu como escudo:

> Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. Estou aqui de pé como uma poeta lésbica negra, e o significado de tudo isso se reflete no fato de que ainda estou viva, e poderia não estar (Lorde, 2019, p. 49).

Não é necessária uma doença tão grave para nos despertar, qualquer pessoa está passível de compreender essa contradição devastadora: o ser humano carrega um anseio pelo eterno e pelo absoluto, mas sua condição é mortal e limitada. Diante de tal absurdo[2], refletimos sobre nossa efêmera existência, o que fazer dela, o que realmente importa e, claro, nossos arrependimentos. Dentre todos aqueles assombrosos “e se”, talvez o principal seja o peito sufocado do que se ficou por dizer. Os silêncios engasgados que levaríamos ao túmulo, perdidos pela vastidão de um futuro que não existe mais, pelo menos não para a possibilidade de quebra desses silêncios. Um futuro

[1] Vivência relatada em *Os diários do câncer*, publicado originalmente em 1980.

[2] Essas questões de angústia existencial, chamadas de absurdo (*absurde*), são investigadas pelo filósofo franco-argelino Albert Camus (1913 - 1960), em especial em sua obra *O mito de Sísifo (Le mythe de Sisyphe),* publicada originalmente em 1942. Sucintamente, ocorre um divórcio: de um lado, o ser humano tem necessidade de familiaridade e exige explicação diante do universo. Do outro, o universo indiferente às exigências humanas oferece apenas um silêncio irracional. Desse confronto entre a nostalgia de unidade e o irredutível nasce o conceito camusiano de absurdo.

que poderia ter sido modificado pelos gritos tácitos, que poderia ter sido de menos silêncios.

O medo nos paralisa, o medo de que a nossa fala nos condene à dor das mais variadas formas, às múltiplas violências, pilares de nossa sociedade machista, elitista, racista, homofóbica e transfóbica. Medo de não sermos entendidas, medo de não sermos aceitas, medo da visibilidade, medo da invisibilidade, medo da repressão, medo da ridicularização, medo da dor. Então o medo silencia, mas o silêncio não é capaz de despistar o medo, que nos encontra e reprime da mesma maneira e, nessa mudez asfixiante, ainda escutamos nosso brado mudo de dor. Ainda escutamos Judith[3], a poeta irmã de Shakespeare, que se matou jovem. Ela vaga suspirando e nos assombramos em lamento pelo silenciamento daqueles que poderiam ter sido os mais belos versos, mas nunca tiveram uma chance de reconhecimento da forma que tiveram os versos de seu irmão homem. Na calada da noite, nossos silêncios enterrados em nós mesmas tão profundamente não nos deixam dormir, assim como o desespero de sermos também enterradas com eles. Nessa quietude, escutamos os passos cada vez mais próximos da Morte, que vai ceifando todas as possibilidades daquilo que poderia ser, mas nunca será, mulher por mulher, lésbica por lésbica, negra por negra, poeta por

[3] Judith é uma personagem fictícia que teria sido poeta e de sublime talento, porém, por ser mulher, não teve espaço para compartilhar suas poesias. Foi criada pela escritora britânica Virginia Woolf (1882 - 1941) em seu ensaio *Um teto todo seu (A Room of One's Own),* publicado originalmente em 1929, uma das primeiras obras a abordar questões feministas. Em sua obra, Woolf questiona os motivos da falta de escritoras mulheres. Ela se propõe, então, a imaginar o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã tão dotada quanto ele. Shakespeare, por ser homem, de certo frequentou a escola, aprendendo matérias como latim, gramática e lógica. Posteriormente, dono de sua liberdade, poderia ir a Londres em busca de seus sonhos. Tinha gosto pelo teatro, começou segurando cavalos à entrada do palco e logo conseguiu trabalho para atuar. Tornou-se um ator de sucesso e viveu no coração cultural e científico da Europa, conhecendo as mais diversas artes e pessoas, tendo até acesso ao palácio real. Enquanto isso, Judith permanecia em casa. Apesar de também ser audaciosa, imaginativa e ansiosa para ver o mundo, não foi mandada à escola. Pegava um livro do irmão às vezes, mas então os pais a repreendiam e a mandavam ir costurar. Talvez escrevesse escondida, com o cuidado de queimar tudo depois para não ser pega. Antes dos vinte anos, foi obrigada a se casar. Ao reclamar do casamento, foi surrada pelo pai. Depois, com outra abordagem, o pai implorou para que ela não o envergonhasse, e Judith não aguentou partir seu coração. Ainda assim, não suportava a ideia do casamento e decidiu fugir em uma noite para Londres. Igualmente, ficou na porta de um teatro com seu dom, mas os homens riram dela e afirmavam que nenhuma mulher poderia ser atriz. Rir foi o mais leve que aqueles homens fizeram a ela, pode-se imaginar o resto. Ela vagava pelas ruas à noite, jantava em tabernas, mas ainda desejava se alimentar de seu talento. Um poderoso empresário, então, a engravidou. A angústia do poeta preso ao corpo de uma mulher fez com que Judith finalmente chegasse ao limite e se suicidasse em uma fria noite de inverno.

poeta. Indiferente aos nossos arrependimentos, a Morte celebra nosso silêncio funesto, que a ajuda em seu trabalho inexorável.

O medo, portanto, sempre estará presente, seja na fala, seja no silêncio. Desse modo, devemos falar porque "Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você" (Lorde, 2019, p. 50), ainda seremos feridas, e a morte chegará infalivelmente. Não se trata de aniquilar o medo, mas de seguir apesar dele, com uma postura de revolta. A fala nos coloca em contato com outros silêncios quebrados, a fala nos une, como aponta Lorde, e é justamente esse apoio coletivo que proporciona força para que todas sigamos falando e nos revoltando. O medo ainda é sentido, porque um silêncio verbalizado e posto em ação sempre será um ato de resistência e acompanhado de perigos, mas ele não mais paralisa e será fonte de potência para transformar essa realidade que tem, independentemente se falamos ou não, a nossa morte como objetivo. Sendo assim, que falemos cada vez mais, que nossa voz incomode e faça sangrar os ouvidos daqueles que já têm sangue em suas mãos, que nosso canto harmonize o concerto (ou desconcerto[4]) do mundo. Trata-se de um dever coletivo, de falar, de escutar os silêncios quebrados, de compartilhar. Cada uma de nós precisa reconhecer sua importância e entender nossa responsabilidade de ir atrás dessas palavras, contra a imposição de nossa falsa separação que nos priva de estarmos em contato e fortificando umas às outras: "Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo" (LORDE, 2019, p. 52).

II. A poesia como possibilidade de resistência e saber

Audre Lorde defende a poesia como forma de quebra desse silêncio e, além disso, como fundamentação do pensamento:

[4] CAMÕES, Luís de. *Ao desconcerto do Mundo*. Disponível em: https://www.escritas.org/pt/t/2118/ao-desconcerto-do-mundo.

> Trata-se da poesia como iluminação, pois é através da poesia que damos nome àquelas ideias que - antes do poema - não têm nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer (anteceder) a compreensão (Lorde, 2019, p. 45).

É uma crítica ao sistema epistêmico dominante, isto é, ao modo europeu supostamente universal de se produzir conhecimento, que se impõe como única forma legítima de saber. Nesse sentido, Gayatri Spivak (2019) nos explica que aquilo que somos obrigados a adotar como verdade é, na realidade, uma narrativa negociada e imposta a todos com a finalidade de manter o privilégio de quem é ajudado por ela[5]. Nesse sistema, como nos mostra Lisa Shapiro (2016), para alguém ser considerado um intelectual respeitável, é preciso que desenvolva pesquisas de acordo com os padrões estabelecidos, que escreva de determinada forma e que o assunto seja sobre questões específicas[6]. Tal episteme é fundamentada em profundas opressões de gênero, sexualidade, raça e classe. Desse modo, por mais que nós, pessoas marginalizadas, resistamos e, com extrema dificuldade, nos inseramos em ambientes intelectuais, debatendo e desenvolvendo nossas próprias teses, ainda que dentro dos critérios estabelecidos, temos nossos feitos apagados. Ademais, existem outras formas de se produzir conhecimento, como vivências e sentimentos trabalhados pela linguagem poética, como ressalta Lorde, que são completamente descartadas por esse sistema. Nos versos de Lorde, sente-se o poder em cada palavra:

> women exchanging blood

[5] Ao fazer sua crítica, Gayatri Spivak (1942 -) visa à questão que ela chama de “histórias alternativas” e aponta os instrumentos para desenvolvê-las: gênero, raça, etnicidade e classe. Ao questionar como as narrativas são construídas, faz uma diferenciação entre escrita e leitura. Ela pretende, com isso, mostrar que há um deslocamento entre esses dois campos, porque, apesar de narrativas serem escritas, as leituras e suas legitimidades passam por um crivo político.

[6] Lisa Shapiro (1967 -) faz uma investigação sobre o cânone filosófico para criticar sua homogeneidade. Ela afirma que são três aspectos fundamentais que o definem: uma cadeia causal, um conjunto de questões filosóficas centrais e a escrita de uma grande obra filosófica, como se isso configurasse propriamente um gênero. Por também ser uma narrativa negociada, construída a partir de interesses, as mulheres foram excluídas da história da filosofia, mesmo que cumprissem as exigências canônicas.

in the innermost rooms of moment
we must taste of each other's fruit
at least once
before we shall both be slain
(Lorde, 1995, p. 34).

Mas o conhecimento não pode ser morto. Há um lugar obscuro de possibilidades dentro de cada mulher, antigo e profundo, que sobreviveu a todos os ataques e se fortaleceu, fonte de criatividade, poder e sentimentos ainda inexplorados e sem registros. Para Lorde, é fundamental uma investigação sobre tal obscuridade de nosso íntimo, que resulta em força para as mudanças e faz com que retomemos o controle sobre o medo. Portanto, ela defende a valorização dos sentimentos como uma outra forma de saber. Importante ressaltar que ela não exclui o pensamento, apenas critica sua exclusividade. Devemos unir os dois, e a poesia aparece como lugar mais propício para tal:

strong women
know the taste
of their own hatred
I must always be
building nests
in a windy place
I want the safety of oblique numbers
that do not include me
a beautiful woman
with ugly moments
secret and patient
as the amused and ponderous elephants
catering to Hannibal's ambition
as they swayed on their own way
home
(Lorde, 1995, p. 51).

Lorde valoriza um fazer poético que revela a experiência, contra a fútil alegoria de palavras que ocorre no padrão idealizado. Trata-se de uma investigação introspectiva, revirando todos os sentimentos de nossas vivências dolorosas de forma honesta e, com o sangue que escorre das mais profundas feridas, escrever versos

emancipadores. Quando conseguimos nos conhecer e aceitar os sentimentos mais profundos, eles são fontes das mais transformadoras ideias. É o trabalho com a poesia que vai nomear essas ideias que já estão ali sentidas, mas ainda impronunciáveis. Dos sentimentos às ideias, do medo à revolta, da dor à ação, da arte à transformação. Um sonho tangível, recolhendo os cacos do coração para a construção de caminhos futuros em que possam ecoar vozes sem a tremulação do medo:

> Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós - a poeta - sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Lorde, 2019, p. 48).

O feminicídio pela propriedade dos homens em relação aos corpos das mulheres, o lesbicídio pelo amor ser considerado monstruosidade, a violência institucionalizada contra a pele negra, todas as violências, humilhações e perseguições desde os primórdios da caça às bruxas. Da mesma forma que não somos destinadas a sobreviver, nossos sentimentos tampouco. O insensível e selvagem capitalismo deseja homens maquinais, então sejamos mulheres poetas, pois é melhor sangrar do que enferrujar. Uma luta com todas as suas dificuldades e uma contínua renovação da coragem. Uma mulher potencializando a outra para que as vozes de todas sejam ouvidas:

> Por vivermos dentro de estruturas definidas pelo lucro, por relações de poder unilaterais, pela desumanização institucional, nossos sentimentos não estariam destinados a sobreviver. Mantidos por perto como apêndices inevitáveis ou agradáveis passatempos, esperava-se que os sentimentos se submetessem ao pensamento assim como era esperado das mulheres que se submetessem aos homens. Mas as mulheres sobreviveram. Como poetas (Lorde, 2019, pp. 48-49).

III. A falsa dicotomia entre teoria e prática

A aproximação entre o pensamento de Audre Lorde e bell hooks fundamenta-se na centralidade que ambas conferem à aliança afeto-política e à "irmandade" (*sisterhood*) como práxis decolonial ancorada no feminismo negro. Longe de uma idealização ingênua que pretenda homogeneizar a categoria "mulher" (crítica recorrente de ambas ao feminismo hegemônico), a irmandade em Lorde e hooks nasce do reconhecimento das diferenças de raça, classe e sexualidade como força de resistência contra as estruturas de dominação. Ao se lerem e se posicionarem teoricamente como "irmãs", Lorde e hooks estabelecem um pacto afeto-intelectual que recusa a rivalidade imposta pelo patriarcado racista e valida a experiência corporificada e marginalizada como fonte legítima de saber. Assim, a noção de irmandade evidencia como o afeto e a recusa do silenciamento são fundamentais para a sobrevivência e transformação social.

É sob esse horizonte de continuidade e cumplicidade epistêmica que bell hooks (1952 - 2021) se junta a Lorde ao tomar a dor como ponto de partida para a reflexão. É também por meio da dor que hooks chega à teoria. A dor da incompreensão, tanto dela com o mundo quanto do mundo com ela. Um mundo que nem sequer queria ouvi-la, enquanto ela ousava alertar o quão doente esse mesmo mundo estava. Um estranhamento, um deslocamento, um não pertencimento que assombra todas nós que despertamos esse espírito rebelde. Sentimo-nos estrangeiras diante da imponderada movimentação cotidiana e da inutilidade de todo esse sofrimento. Enjoadas por carregar tamanha náusea existencial desse nosso divórcio com o mundo. Repreendidas sempre que tentamos apontar qualquer insensatez percebida pelo nosso ainda intocado julgamento, somos castigadas e moldadas conforme as estabelecidas convenções sociais. Talvez um certo contrato social já tenha vindo assinado em nossos nomes, mesmo antes de ao menos sabermos como segurar uma caneta. Infinitos imperativos que passam a ser vistos como naturais, sendo o mais importante deles: não questione!

Imagine uma pequena criança vista como a própria encarnação do anticristo, que veio para destruir todos aqueles valores que a sociedade insiste em sustentar. Imagine a dor dessa pequena criança desamparada pelo mundo e por aqueles que deveriam protegê-la: “Estava buscando desesperadamente encontrar o caminho para casa” (hooks, 2013, p. 85). Diante disso, a teoria aparece como refúgio, como lar, que escuta a dor, explica a dor e oferece possibilidades de um futuro diferente:

> Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2013, p. 83).

Assim como Lorde, hooks critica essa pretensão de se fazer um saber universal. Ela usa seu exemplo de questionar o que percebia de errado ao seu redor ainda quando criança, mas que não era chamado de “teorização” por ela ainda não conhecer o termo, o que não faz deixar de ser uma “teorização”. Podemos atuar na resistência feminista mesmo sem usar a palavra “feminismo”. Da mesma forma, apenas utilizar o termo não implica que a pessoa se engaje na causa. Aqueles que têm mais oportunidades (neste caso, acadêmicas) utilizam os termos de forma instrumental para sustentar políticas de dominação:

> Com efeito, o ato privilegiado de nomear muitas vezes abre aos poderosos o acesso a modos de comunicação e os habilita a projetar uma interpretação, uma definição, uma descrição de seu trabalho e de seus atos que pode não ser exata, pode esconder o que realmente está acontecendo (hooks, 2013, p. 86).

Como visto anteriormente, grande parte privilegiada da academia determina o que pode ser considerado um saber verdadeiro ou não, com padrões que sustentam seu posto de poder. Essa parcela acadêmica desvaloriza todo o saber que foge da norma imposta e o classifica como não teórico, ou não suficientemente teórico. Pode também ser o caso de, ao se apoiarem em teses de pensadoras sem visibilidade para

desenvolverem suas próprias pesquisas, acabarem ficando com todos os créditos apenas para si. Há, portanto, uma hierarquização da teoria, em que determinadas obras são escolhidas como adequadas e dignas de mérito, enquanto outras obras não:

> Os trabalhos de mulheres de cor e de grupos marginalizados de mulheres brancas (lésbicas e radicais sexuais, por exemplo), especialmente quando escritos num estilo que os torna acessíveis a um público leitor amplo, são frequentemente deslegitimatizados nos círculos acadêmicos, mesmo que esses trabalhos possibilitem e promovam a prática feminista (hooks, 2013, pp. 88-89).

Quando grupos marginalizados têm seu pensamento diminuído e sua experiência não condiz com o discurso dominante da academia, é estabelecida uma dicotomia entre teoria e prática. De fato, o objetivo dessas teorias é dividir, é silenciar, é manter o abismo entre esses grupos marginalizados e qualquer possibilidade de alcançarem seu espaço enquanto conhecimento válido. Uma teoria com um discurso que se faz quase impossível compreender e, quando compreendido, não condiz com a realidade vivida. Uma teoria que é usada para oprimir cada vez mais quem já está humilhado. Diante disso, a reação de muitas mulheres à teoria feminista hegemônica é atacá-la, não somente essa teoria feminista hegemônica distante da realidade, mas toda e qualquer teoria, o que, consequentemente, aumenta a falsa oposição entre teoria e prática, e a prática passa a ser considerada muito mais importante:

> Em muitos contextos negros, assisti à rejeição dos intelectuais, ao rebaixamento da teoria, e fiquei calada. Acabei percebendo que o silêncio é um ato de cumplicidade que ajuda a perpetuar a ideia de que podemos nos engajar na libertação negra revolucionária e na luta feminista sem a teoria. (...) Tinha medo de que, se assumisse uma posição que insistia no valor do trabalho intelectual, da teoria em particular, ou se simplesmente afirmasse que pensava ser importante ler muito, eu corresse o risco de ser vista como pretensiosa ou mandona. Muitas vezes, fiquei em silêncio (hooks, 2013, pp. 92-93).

IV. A teoria como possibilidade de cura

Novamente, o silêncio que assola. Para piorar, o silêncio pelo medo de julgamento, até mesmo pelo coletivo de resistência. Portanto, a imposição do silêncio vem dos dois lados, tanto dos próprios marginalizados que desprezam a teoria quanto dos privilegiados que negam esse lugar a nós: “Reforçando a ideia de uma cisão entre a teoria e a prática ou criando essa cisão, ambos os grupos negam o poder de educação libertadora para a consciência crítica, perpetuando assim condições que reforçam nossa exploração e repressão coletivas” (hooks, 2013, p. 95). E, novamente, o medo não deve nos parar. Grupos marginalizados, ao teorizar, exercem uma profunda resistência.

Se o saber nos é historicamente negado e nossa dor abafada, tomar a palavra para pensar a própria realidade é um ato revolucionário. A elite intelectual nos obstrui ao nos reificar como meros objetos de estudo para sustentar seus próprios privilégios. Contudo, como alerta bell hooks, a obstrução também ocorre internamente quando, em reação ao elitismo acadêmico, grupos oprimidos passam a rejeitar de modo absoluto a teorização, julgando-a inútil ou elitista. Esse anti-intelectualismo reativo, fruto do próprio trauma da exclusão, acaba por perpetuar nosso silenciamento, pois nos priva do pensamento crítico como ferramenta de libertação. Por isso, em vez de abandonar a teoria por ser frequentemente mal-intencionada e mal-usada pela hegemonia, é necessário criar e promover teorias que conduzam à emancipação e à cura. A teoria é fundamental para compreendermos nossa situação e desenvolvermos maneiras de transformação. Problemas que enfrentamos podem não ser mais solucionáveis por estratégias que funcionaram em algum momento do passado, assim, a filosofia se faz necessária como uma reflexão, como um repensar de problemas situados historicamente.

Diante disso, é de suma importância a promoção de uma teoria que inclua todo o tipo de saber. Essa teoria, defende hooks, nasce do concreto, das nossas experiências vividas, de investigarmos criticamente nossas vidas, nossas dores, para que tal teoria nos capacite e fortaleça: “Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal, é um

terreno tão fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constitui a base da nossa teorização" (hooks, 2013, p. 97). Dói teorizar a partir da dor, mas o silêncio também dói. Ao explorar nossos sentimentos e vivências, podemos compreender, nomear, buscar a cura por meio da teoria. Nesse gesto, a teorização em hooks encontra o pacto poético de irmandade enunciado por Lorde, um compromisso ético e afetivo de sustentar e traduzir a dor da outra para que nenhuma precise enfrentá-la sozinha:

> *I feel your sadness*
> *deep in the center of me*
> *and I make a pact with you sister*
> *if you will not sorrow*
> *I will not tell*
> (Lorde, 1995, p. 47).

Com a teoria, buscamos meios de fazer a transformação acontecer. Aquela criança solitária e excluída começou sua revolta ainda muito confusa. Com o tempo, teorizou a partir da experiência e deu nome a sua prática. Teoria e prática, a dor e o desejo de cura, palavras e estratégias, movimento de libertação. Todas nós sofremos com o sexismo, a repressão, a infelicidade, a sensação de impotência, o medo. Se conseguirmos teorizar, podemos dar nome à dor e fazê-la ir embora. Levar essa possibilidade de conhecimento a todas, valorizar cada dor para o movimento feminista ser uma teoria de cura. Os sentimentos já estão presentes, a teoria precisa contemplá-los. Nomeando é como podemos fazer a dor ir embora:

> Se criarmos teorias feministas e movimentos feministas que falem com essa dor, não teremos dificuldade para construir uma luta feminista de resistência com base nas massas. Não haverá brecha entre a teoria feminista e a prática feminista (hooks, 2013, p. 104).

Considerações finais

Em suma, vimos a importância da fala para a transformação social. Somos silenciadas pelo medo de todas as violências que nossa fala pode atrair. Porém, conforme Lorde evidencia, em nosso silêncio, a dor persiste. Ainda sofremos violências, ainda podemos ser mortas e, se escaparmos dessa roleta-russa machista, elitista, racista, homofóbica e transfóbica, a morte ainda é inevitável, levando junto as possibilidades de transformação que nossos gritos silenciados não concretizaram. Ao tentarmos falar, o saber "universal" vai querer nos calar, desdenhando de qualquer saber diferente da norma imposta para sustentar seus privilégios. Assim, uma falsa dicotomia entre teoria e prática é criada. Em consequência, pessoas marginalizadas que não reconhecem suas vivências no discurso dominante passam a descartar todos os saberes, e a imposição de silêncio vem até das próprias oprimidas. Entretanto, como nos aponta bell hooks, a teoria é fundamental para compreendermos nossas dores e buscarmos a cura por meio dela. A teoria deve abarcar todos os saberes marginalizados que se fundamentam na investigação de nossas vivências. União da prática com a teoria, um saber que nos mostre e guie no caminho de emancipação. Nomear a dor, nomear as ideias que já estão sendo sentidas, e a poesia, por exemplo, como maneira de realizar isso. Ao falarmos, incomodamos, fazemos sentir medo aqueles que provocam nossas dores. Então, quando o peito gritar, deixemos que divida sua dor em estrofes em busca de cura. Que Judith viva por meio de nós, vamos cometer o sacrilégio de desenterrar seus versos e fazer com que todos os escutem. A dor nos faz poetas, e a poesia é revolução:

> *too many empty cases*
> *of blood to bury or burn*
> *there will be no body left*
> *to listen*
> *and our labor*
> *has become more important*
> *than our silence*
> (Lorde, 1995, p. 53).

Referências

CAMÕES, Luís de. *Ao desconcerto do Mundo*, [Online]. Disponível em: https://www.escritas.org/pt/t/2118/ao-desconcerto-do-mundo. Acesso: 10 dez. 2025.

CAMUS, Albert. 2020. *O mito de Sísifo.* Trad. Ari Roitman. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record.

CERLETTI, Alejandro. 2009. *O ensino de Filosofia como problema filosófico*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

DUARTE, Constância; NUNES, Isabella. (org.). 2020. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

FEDERICI, Silvia. 2017. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante.

hooks, bell. 2013. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes.

LORDE, Audre. 2024. *Os diários do câncer*. Trad. Tatiana Nascimento. São Paulo: Ginecosofia.

_____. 2019. *Irmã outsider.* Trad. Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. 1995. *The Black Unicorn*. New York: W. W. Norton & Company.

SHAPIRO, Lisa. 2016. Revisiting the Early Modern Philosophical Canon. *Journal of the American Philosophical Association*, Cambridge, v. 2, nº 3, p. 365 - 383, Accepted August 30, 2016.

SPIVAK, Gayatri. 2019. Quem reivindica alteridade?. Trad. Patricia Silveira de Farias. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista. Conceitos fundamentais*, Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

WOOLF, Virginia. 1990. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Círculo do Livro.